

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Macron vai aumentar arsenal devido a ações de Trump

Guerras fazem França anunciar escudo nuclear para a Europa

O presidente francês, Emmanuel Macron, anunciou uma mudança na política de armas nucleares do país, que aumentará seu arsenal de ogivas atômicas e o colocará à disposição dos vizinhos em caso de necessidade. A medida é uma reação direta ao ataque dos Estados Unidos e Israel, ambas potências nucleares, ao Irã. Ela já vinha sendo estudada pela percepção do fim do apoio militar americano aos parceiros europeus da Otan no contexto da Guerra da Ucrânia, mas foi acelerada pela decisão de Donald Trump. “Nós estamos experimentando um período de agitação geopolítica cheio de riscos”, afirmou, citando o perigo de conflitos globais “ultrapassarem os limites nucleares”. O francês falava da base de submarinos estratégicos, na Bretanha.

Chanceler critica duramente os EUA

Mais cedo, o chanceler da França, Jean-Noël Barrot, havia criticado duramente os EUA por não terem consultado seus parceiros europeus antes do ataque que decapitou o regime de Teerã e disparou um conflito generalizado no Oriente Médio. Diferentemente de conflitos como a invasão do Afeganistão (2001) e da Guerra do Iraque (2003), no ataque atual os EUA só têm o Estado judeu a seu lado. Até o domingo (1º), o Reino Unido até vetava o uso de suas bases para a ação.

U.S. Navy



França tem o quarto maior arsenal nuclear do mundo

Guerra já mobiliza a Europa

A nova guerra bate às portas da Europa, com a Grécia mobilizando forças para defender a ilha de Chipre, onde drones alvejaram uma base britânica, e com países do golfo Pérsico pedindo ajuda à Itália para obter defesas antiaéreas de pronta entrega. A ideia de um guarda-chuva nuclear europeu já havia sido ventilada por Macron no ano passado. Um primeiro passo foi o anúncio da unificação operacional do arsenal francês com o britânico, cada um retendo seu poder decisório independente. Apenas Paris e Londres têm armas nucleares na Otan.

Macron cita vizinhos europeus

Macron afirmou que, “sob certas circunstâncias”, poderia posicionar ativos estratégicos nos vizinhos. Citou nominalmente Alemanha, Dinamarca, Holanda, Bélgica e Polônia como parceiros que estão a par dos planos, que ele disse não violar princípios da Otan e que foram comunicados a Londres e Washington.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Reforço militar

O Reino Unido e a França enviarão reforços militares para Chipre em resposta aos ataques com drones registrados contra uma base britânica na ilha mediterrânea, que fica próxima ao Oriente Médio. Londres irá mandar uma fragata e helicópteros equipados com sistemas para abater drones iranianos.

Acordo com Paris

Enquanto isso, Paris deverá enviar baterias antiaéreas e outro navio de guerra. Na véspera, a Grécia, que tem um acordo militar com Paris e é a fiadora do regime pró-Atenas de metade da ilha, havia enviado quatro caças F-16 e duas fragatas para apoiar o arsenal militar contra retaliações iranianas.

Drones lançados

Um dos drones lançados contra a base de Akrotiri chegou a atingir a pista do local, causando poucos danos. O episódio elevou temores do espriamento da guerra dos EUA e de Israel contra o Irã, que Teerã busca fazer chegar até a Europa.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Força Quds

O Exército de Israel afirmou na terça-feira ter matado o comandante da Força Quds, da Guarda Revolucionária do Irã, no Líbano. Daoud Ali Zadeh foi atingido em um ataque a Teerã, segundo as forças israelenses. A brigada Quds é responsável por missões no exterior e tem como finalidade apoiar grupos ideologicamente próximos do regime iraniano.

Aliança informal

Em solo libanês, os membros da brigada Quds apoiam o grupo extremista Hezbollah. No Iraque, por exemplo, essas tropas estruturaram forças xiitas; na Síria, apoiaram o ditador Bashar al-Assad; no Iêmen, a milícia houthi; e, na Faixa de Gaza, o grupo terrorista Hamas, que trava guerra com Israel.

Eixo da Resistência

Essa aliança informal liderada pelo Irã é conhecida como o “Eixo da Resistência” e inclui ainda grupos no Afeganistão e Paquistão. O que os une é sua oposição ao imperialismo do Ocidente. Elas se apresentam como a “resistência” à influência dos EUA e de seu aliado Israel contra a opressão a sua existência na região.



Dez israelenses e seis militares americanos morreram na guerra

Trump define qual seria o “pior cenário possível” no Irã

Guerra iniciada por EUA e Israel já matou mais de 787 iranianos

No quarto dia da guerra no Oriente Médio, o presidente Donald Trump disse que os iranianos que os Estados Unidos tinham em mente para liderar o país no pós-guerra “estão mortos”. “Tudo foi destruído”, disse nesta terça (3).

“Como vocês sabem, 49 pessoas [da liderança iraniana] foram mortas no primeiro ataque. E acho que houve outro hoje contra a liderança, que parece ter sido significativo”, afirmou, em aparente referência ao bombardeio contra o prédio da Assembleia de Especialistas em Qom — não se sabe se os clérigos do órgão, que seleciona o líder supremo do Irã, estavam no local, que foi completamente destruído.

Trump disse também que “pior cenário possível” no Irã seria um líder “tão ruim” quanto o aiatolá Ali Khamenei, morto pelos Estados Unidos nos ataques do sábado (28). Trump conversou com jornalistas durante uma visita oficial do primeiro-ministro da Alemanha, Friedrich Merz, à Casa Branca.

Na segunda, ao falar com jornalistas, o secretário de Estado Marco Rubio afirmou que os EUA enfrentavam uma ameaça iminente porque Israel estava prestes a atacar o Irã, e que Teerã estaria preparado para retaliar contra forças americanas. Durante encontro com Merz, porém, Trump contradisse essa versão ao dizer que ele é quem pode ter “forçado a mão de Israel” para dar início ao bombardeio.

“Acho que eles iam atacar primeiro, e eu não queria que isso acon-

tecasse. Então, se for o caso, pode ser que eu tenha forçado a mão com Israel”, afirmou o presidente.

O republicano disse ainda que “provavelmente há uma terceira onda” de ataques contra a liderança iraniana a caminho.

Mais cedo nesta terça, Washington e Teerã deram sinais de que não há espaço para diplomacia no momento. Trump escreveu nas redes sociais que “as defesas aéreas, Força Aérea, Marinha e liderança [do Irã] se foram”. “Eles querem conversar. Eu disse: tarde demais!”, completou o presidente.

Algumas horas depois, o embaixador da missão iraniana à ONU em Genebra, na Suíça, desmentiu Trump, dizendo que Teerã não está em contato com os EUA — seja para interromper a guerra, seja para retomar negociações sobre seu programa nuclear. “Por ora, temos sérias dúvidas sobre a utilidade de negociações”, afirmou Ali Bahreini. “A única linguagem que os EUA entendem é a linguagem da defesa. Não é o momento de abrímos canais de diálogo.”

A guerra teve início no sábado (28). Desde então, ataques articulados por Washington e Tel Aviv mataram pelo menos 787 pessoas no Irã, segundo balanço do Crescente Vermelho, o braço da Cruz Vermelha para países muçulmanos. Ataques iranianos, por sua vez, mataram dez em Israel e seis militares dos EUA em bases no Oriente Médio.

Por Isabella Menon e Victor Lacombe (Folhapress)